

Alexandre Fortes<sup>1, 2</sup>

*Doña Maria's Story: Life History, Memory, and Political Identity*, de Daniel James<sup>3</sup>

*La vida en las fábricas: trabalho, protesta y política en una comunidad obrera, Berisso (1904-1970)*, de Mirta Zaida Lobato<sup>4</sup>

Uma das obras-primas da Bossa Nova brasileira é o *Samba de uma Nota Só*, de João Gilberto. Um som solitário, repetido num ritmo agradável, gera uma linha de abertura cujas variações posteriores estruturam a canção como um todo. A base harmônica, entretanto, é repleta de dissonâncias detalhadamente trabalhadas que, contrastando com a aparente monotonia da melodia, apenas destacam sua beleza.

O paralelo vem à mente inevitavelmente, e se é tentado a dizer que Daniel James escreveu uma marcante “obra histórica de um fonte só”. Lidando com a transcrição de 600 páginas do testemunho da líder sindical dos frigoríficos argentinos, Maria Roldán, James engaja-se, de forma densa e inovadora, com questões teóricas e metodológicas das mais desafiadoras enfrentadas pelos historiadores, no exercício do seu ofício.

---

<sup>1</sup> Coordenador do Centro Sérgio Buarque de Holanda - Documentação e Memória Política, Fundação Perseu Abramo. Pesquisador associado, pós-doutorado com apoio FAPESP, do CeNEDIC, Universidade de São Paulo. [alexfortes@globo.com](mailto:alexfortes@globo.com)

<sup>2</sup> Uma versão resumida dessa resenha foi publicada em inglês em: *Labor History*, v. 43, n. 4, p. 555-558, nov. 2002.

<sup>3</sup> JAMES, Daniel. *Doña Maria's Story: Life History, Memory, and Political Identity*. Durham: Duke University Press, 2000. (Latin America otherwise). 316 p.

<sup>4</sup> LOBATO, Mirta Zaida. *La vida en las fábricas: trabalho, protesta y política en una comunidad obrera, Berisso (1904-1970)*. Buenos Aires: Prometeo: Entrepasados, 2001.

Poder-se-ia imaginar que, tomando como seu objeto as memórias de uma vida, o autor as trataria como uma “amostra” exemplar, capaz de ilustrar alguma teoria geral. Felizmente não é o caso. James abre o livro demonstrando como os monumentos erigidos no “centro cívico” da cidade industrial de Berisso expressam imagens diversas e às vezes conflitantes sobre a memória histórica da comunidade. Todas elas apontam para temas e episódios (imigração, industrialização, peronismo, ditadura militar) que acentuam as conexões entre a localidade e a história da Argentina no século XX. Ao mesmo tempo, as tensões presentes nessas representações oficiais e comunitárias da memória cruzam a estória de vida de Doña María, apresentada no livro em uma versão resumida de 80 páginas.

Por meio dessa narrativa individual, o jogo entre múltiplos níveis da identidade construída — tais como os relacionados a gênero, etnicidade e opções políticas — revela as complexidades envolvidas na reconstrução da classe trabalhadora argentina e na sua inserção na vida política e social da nação durante a era peronista. A própria natureza da fonte testemunhal e das questões que ela levanta levam James a integrar e a debater formulações oriundas de diferentes campos, basicamente a própria história oral, antropologia, crítica literária e lingüística, mas também diversas obras que, no peculiar mercado intelectual norte-americano, costumam ser agrupadas sob o rótulo de “estudos culturais”.

É verdade que esse intrincado debate teórico com muitas disciplinas que caracteriza o livro torna algo desconcertante a falta de referências a seus predecessores na nobre linhagem de trabalhos historiográficos que tem como objeto a relação entre indivíduos e o processo histórico, incluindo, por exemplo, os de Lucien Febvre e Carlo Ginzburg. Doña María, por certo, pode ser vista de algum modo como um Menocchio (o personagem de Ginzburg em *O Queijo e os Vermes*) contemporâneo, pelo uso do estudo de uma individualidade como forma de acesso às complexidades da cultura popular. A principal diferença é que, no caso de James, o inquisidor/confessor assume para si mesmo a tarefa de trazer a público o testemunho e o conhecimento histórico produzidos.

Confrontando-se com a crítica pós-moderna à história social sem aceitar o niilismo que caracteriza a maior parte das abordagens dessa crítica, o autor parte da desconstrução de seu próprio papel como um praticante de história oral engajado em uma troca simbólica desigual com uma operária idosa de um país subalterno. Ao longo dos dois capítulos seguintes, James primeiro analisa os

recursos narrativos empregados por Doña María a fim de integrar alguns aspectos conflitivos de seus valores, opções, expectativas e decepções em um relato mnemônico coerente para depois demonstrar como este relato é estruturado pela negociação permanente entre papéis de gênero estabelecidos e “desviantes”.

Na continuação, focalizando as lembranças de sua entrevistada sobre um poema que ela escreveu para homenagear uma colega de fábrica (falecida jovem de tuberculose), o historiador ousa lidar com a delicada questão da relação entre a condição de classe da mulher trabalhadora e sua representação da sexualidade. Finalmente, partindo da forte impressão que lhe causou uma fita de vídeo com as performances de Doña María como oradora em comícios peronistas durante a campanha presidencial de 1988, James discute o papel que ela, assim como outros “portadores de memória” desempenharam na manutenção dos elos entre o peronismo e a classe trabalhadora argentina — mesmo quando as suas políticas iam no sentido oposto do fixado por Perón, resultando no desmantelamento de políticas de bem-estar, na desindustrialização e na destruição do poder sindical.

Evitando as facilidades de uma postura populista e assumindo a irredutibilidade da distância social e cultural que jaz entre um historiador e seu objeto (a classe trabalhadora), Daniel James todavia deixa claro o seu senso de missão. Demonstrando como as narrativas de Doña María habilitam-na a fazer sentido da sua vida, definindo e sustentando suas identidades pessoal, de classe e de gênero, o autor expressa sua crença de que essas memórias possam ser oferecidas como um legado às novas gerações das classes trabalhadoras, ajudando-as assim a enfrentar os desafios do catastrófico mundo neoliberal.

Se Daniel James compôs uma canção refinada, *La Vida en las Fábricas*, de Mirta Lobato seria mais bem comparado a uma obra sinfônica. Ela retrata as origens e o desenvolvimento da mesma cidade industrial argentina onde Doña María viveu. Todavia, o foco de Lobato é, antes de tudo, no pano de fundo e, em segundo lugar, na emergência de atores coletivos. A localidade é apresentada como um palco concreto em que a maioria dos processos clássicos analisados na história do trabalho (industrialização, imigração, processo de trabalho, formação de classe, sindicalismo, participação política) podem ser vistos em

íntima interação. Usando uma ampla e variada gama de fontes, assim como um conjunto complexo e preciso de ferramentas conceituais, Lobato segue a trama daqueles processos gerais à medida que eles se cruzam com as vidas dos trabalhadores e outros habitantes de Berisso e, ao mesmo tempo, demonstra como eles dão origem a um tecido social e político peculiar.

O livro se divide em duas partes. A primeira, *El Escenario y sus Protagonistas*, apresenta os dados básicos relativos às origens da comunidade e à sua ascensão à condição de centro industrial. Ao mesmo tempo, usando sistematicamente os arquivos das frigoríficas estadunidenses Swift e Armour, a autora oferece detalhes sobre composição da força de trabalho, origem nacional, gênero, tempo de permanência, divisão entre setores, assim como sobre controle e disciplina do trabalho. Essa informação “quantitativa” é, porém, permanentemente combinada com vários tipos de fontes “qualitativas”. De um lado, a “literatura social” que, nas primeiras décadas do século XX, elegeu a fábrica como o meio ambiente para os seus dramas; de outro, reportagens da imprensa como a mesma natureza, para ilustrar como setores da intelectualidade buscaram proporcionar à sociedade imagens do mundo industrial e chaves para entender a experiência da classe operária, desse modo auxiliando-a a encontrar as “melhores soluções” para a “questão social”. Além disso, a história oral, baseada tanto em entrevistas individuais quanto em oficinas coletivas, demonstra como os trabalhadores entendiam e sentiam sua condição e como, por meio dos mecanismos da memória, eles atribuíram retrospectivamente sentido às suas vidas.

A segunda parte, *Identidades, Protesta y Política*, leva o leitor a um mergulho na experiência subjetiva de trabalhar e viver numa cidade de frigoríficos e, examinando as identidades forjadas com base nessa experiência, volta a abordar, sob nova luz, as questões tradicionais da organização dos trabalhadores e sua relação com diferentes facções políticas. Lobato descreve a fábrica como um mundo fragmentário, uma porta através da qual as pessoas entram e saem do trabalho industrial.

A instabilidade estrutural do trabalho na sociedade capitalista adquire cores dramáticas em um ramo marcado pelo uso predominante do trabalho temporário e pela conseqüente prática, altamente arbitrária, de selecionar trabalhadores da multidão que se aglomera diariamente em frente aos portões da fábrica. Se, num certo sentido, a exposição comum à exploração, disciplina e controle, assim como a cultura da vida cotidiana numa

cidade industrial, tendiam a fortalecer a unidade de classe, a conformação de identidades dentro de uma força de trabalho multinacional, empregada numa atividade dominada por imagens de rudeza e poder físico masculinos, era permeada pelas diferenças internas relacionadas, entre outros fatores, a etnicidade e gênero.

O movimento operário surgiu como um ator coletivo em Berisso durante as greves de 1915 e 1917 e, ao longo das décadas seguintes levou a cabo não apenas a luta por melhores salários e condições de vida, mas especialmente a resistência contra o “sistema *standard*”. Essa versão peculiar da administração científica nos frigoríficos, desenvolvida pela indústria em reação à sua perda de competitividade no mercado internacional, consistia na definição prévia pelas companhias, de uma produção horária esperada de cada trabalhador ou trabalhadora e das multas e prêmios devidos caso ele ou ela fracassasse em atingi-la ou a superasse.

Lobato também demonstra como o sindicalismo dos operários dos frigoríficos interagiu desde o início com diferentes expressões da vida política argentina. Tanto o Partido Conservador quanto o Radical, ao menos desde o fim da segunda década do século XX, desenvolveram suas próprias abordagens à “questão social”, em resposta à ascensão das demandas e necessidades dos trabalhadores. Anarquistas e socialistas também tentaram disseminar sua propaganda no seio da classe operária e buscaram se estabelecer como seus porta-vozes em momentos conflituos. Comunistas e sindicalistas, de acordo com a autora, foram mais efetivos na sua contribuição à criação e expansão de organizações sindicais ao longo dos anos 1930, elaborando um discurso baseado num conhecimento detalhado das condições de trabalho.

Subjacente a esses processos organizativos, demonstra Lobato, jazia uma noção abrangente de comunidade. De um lado, esta se baseava no fato material e político representado pela emergência de uma cidade em torno de duas grandes fábricas, engendrando todo um novo modo de vida que gravitava em torno do trabalho industrial. Ao mesmo tempo, a noção de comunidade pode também ser vista como uma construção simbólica de estabilidade, frente às ameaças esmagadoras de destruição da vida dos trabalhadores pelas condições insalubres de vida e de trabalho, pelo desemprego e pela perseguição política. Em Berisso, como seus habitantes costumavam dizer, todo mundo trabalhou nos frigoríficos, mesmo se a maioria o fez apenas por pouco tempo ou, ainda mais provavelmente, em diferentes ocasiões de curta

duração. Todavia, se a instabilidade no trabalho era uma “ameaça conhecida”, o lento declínio e o fechamento das plantas obrigaram a comunidade, primeiro, a enfrentá-la numa intensidade inédita e, posteriormente, a deparar-se com uma exposição prematura à crise da sociedade do trabalho, que desafia a sua própria *raison d'être*.

Raro privilégio é a publicação, num curto intervalo de tempo, de dois livros de história do trabalho ricos e complementares, produzidos como resultado de pesquisa altamente integrada mas, ao mesmo tempo, capazes ambos de afirmarem-se como obra de referência. A fecundidade da leitura combinada pode ser exemplificada focalizando-se na sua única polêmica explícita, entre tantos pontos de vista compartilhados.

Dezessete de outubro de 1945 foi um dia crucial para os trabalhadores argentinos. Centenas de milhares deles marcharam dos subúrbios industriais para o centro de Buenos Aires demandando, e acabando por obter, a libertação do Coronel Juan Domingo Perón, que tinha sido mandado para a prisão por alguns de seus colegas de Junta Militar em função da ameaça representada pela sua atuação populista à testa da Secretaria Nacional do Trabalho e Bem-Estar. Os eventos daquele dia e seu resultado selaram o destino de Perón e da classe trabalhadora argentina.

No seu oitavo capítulo (p. 242), Lobato se refere a um trabalho anterior de James sobre esse episódio, em que ele sustenta que os trabalhadores usaram sua experiência de luta acumulada nos dois anos anteriores para levar a cabo aquela mobilização monumental. Tendo descrito as quatro décadas anteriores de tentativas de organização dos trabalhadores de Berisso, Lobato questiona o motivo da explicação para aquele momento histórico dever ser buscado apenas no nível conjuntural.

Essa discordância poderia ser vista como — e basicamente o é — algo menor, mas não deixa de nos ajudar a entender as diferentes opções dos autores por focar uma vida ou tradições inter-generacionais, na sua busca por analisar as complexidades da experiência histórica da classe trabalhadora argentina. A questão é também relevante porque ela aponta para as contradições mais cruciais no próprio coração da relação entre a classe trabalhadora e o peronismo. De um lado, o dezessete de outubro representa o reconhecimento, pelos trabalhadores e seus líderes, de uma oportunidade sem precedentes para demonstrar o poder do trabalho organizado, assumindo assim o papel de um ator coletivo central na política nacional.

A era peronista, instituída naquele dia, testemunhou o fortalecimento da auto-estima e do senso de dignidade dos trabalhadores, via a institucionalização de alguns direitos sociais e trabalhistas elementares. Ela também coincidiu com a incorporação da maioria dos trabalhadores urbanos ao exercício da cidadania, por meio da naturalização em massa e do acesso ao voto pelos imigrantes, os quais o peronismo buscou integrar com os migrantes internos sob a imagem do “trabalhador nacional” disciplinado. De outro lado, ao atarem seu destino a um movimento nacionalista, policlassista, autoritário, guiado por um ex-coronel do Exército (conhecido por suas inclinações fascistas), o movimento operário selou a perda de sua autonomia política, como expresso na decisão de Perón de fundir todos os partidos que o apoiavam no Partido Justicialista, fechando o Partido Laborista, de base sindical.

A construção narrativa da estória de vida de Doña María ilustra bem o imbricamento da emergência de uma nova configuração da classe trabalhadora argentina nos anos 1940 com o peronismo, com todas as suas ambigüidades, e contribui para sepultar, definitivamente, a idéia de que esse poderia ser resumido a uma “manipulação de massas disponíveis”. Situados na perspectiva de longo prazo proporcionada por Lobato, porém, não há como minimizar o caráter trágico dos paradoxos peronistas. Como ressaltou recentemente o sociólogo argentino Atílio Borón, seu efeito mais duradouro foi o de provocar a *incapacidade de diferenciar um argumento de direita de um de esquerda*.<sup>5</sup>

James e Lobato dirigem sua atenção para uma questão comum: o papel fundamental da memória e de sua reelaboração na construção da cultura e da identidade da classe trabalhadora. Eles também expressam sua perplexidade frente a um mundo em que tais memórias possam perder esse papel.

---

<sup>5</sup> *Folha de S.Paulo*, 28 abr. 2003.